

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu



19 + 20 fev 26

19 fev 26 QUINTA 20:00

20 fev 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Daniel Lozakovich Violino

Olga Heikkilä Soprano

Edgaras Montvidas* Tenor

Andrey Zhilikhovsky Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Mikael Loponen Maestro Assistente

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, c. 35 min.
op. 35

1. *Allegro moderato*
2. *Canzonetta: Andante* –
3. *Finale: Allegro vivacissimo*

INTERVALO

Sergei Rachmaninov

Os Sinos, op. 35 c. 38 min.

1. *Allegro, ma non tanto*
2. *Lento*
3. *Presto*
4. *Lento lugubre*

* Por motivos de saúde,
o tenor Mihails Čulpaļevs
é substituído por Edgaras Montvidas.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.
INTERVALO DE 20 MIN.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

(Votkinsk, 1840 – São Petersburgo, 1893)

Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35

COMPOSIÇÃO 1878

ESTREIA Viena, 4 de dezembro de 1881

DURAÇÃO c. 35 min.

O Concerto para Violino e Orquestra em Ré maior, op. 35, de Tchaikovsky, é considerado como um dos pilares inquestionáveis do repertório virtuoso para o instrumento. Contudo, poucas obras na História da Música terão percorrido um caminho tão dramático. Descrito pelo influente crítico Eduard Hanslick (1825-1904) como “largo e pretensioso” capaz de ferir “o ouvido”, acabaria por silenciar os detratores por força da sua invenção melódica, exigências técnicas transcendentais e uma expressividade emocional cativante. As circunstâncias que antecederam a composição deste concerto são conhecidas. Após o casamento falhado com Antonina Miliukova (1848-1917), em 1877, “uma catástrofe da qual ele quase morreu”, nas palavras do sobrinho Yury Davydov (1876-1965), Tchaikovsky foi enviado para Clarens, na Suíça, em meados de 1878, na companhia do violinista e amigo íntimo Iosif Kotek (1855-1885), a expensas de Nadezhda von Meck (1831-1894), mecenas que o apoiou financeiramente ao longo dos anos. A ideia de compor um concerto para violino surgiu do facto de os dois músicos terem tocado a redução para violino e piano da *Sinfonia Espanhola*, op. 21 (1874), de Édouard Lalo (1823-1892), um inspirado concerto para violino em cinco

andamentos. Num espaço de 10 dias, entre 6 e 16 de março, Tchaikovsky delineou o essencial do concerto, tendo dada por concluída a composição a 30. Ao longo de todo o processo criativo, Kotek ajudou o compositor, tal como descrito numa carta para o irmão Anatoly (1850-1915): “Escusado será dizer que eu não teria sido capaz de fazer nada sem ele. Ele toca-o maravilhosamente”. Contudo, Tchaikovsky teve dificuldade em encontrar um violinista que aceitasse estrear o concerto, a começar em Koteck. Seguiu-se Leopold Auer (1845-1930), concertino da Orquestra Imperial de São Petersburgo, ainda que a 1.ª edição da obra, publicada pela Jurgenson de Moscovo, lhe fosse dedicada. Finalmente, Adolf Brodsky (1851-1929) aceitou o repto, tendo a estreia ocorrido a 4 de dezembro de 1881, em Viena, com a Orquestra Filarmónica dirigida por Hans Richter (1843-1916). Apesar da liberdade formal de pendor romântico, Tchaikovsky segue o modelo clássico do concerto, em três andamentos. Ao longo da obra, o violino assume-se não apenas como um veículo de exibição técnica, mas como uma voz narrativa que enuncia um percurso de contrastes acentuados, entre a grandiosidade sinfónica, a introspeção lírica e o vigor rítmico.

Em forma sonata, o 1.º andamento assenta numa melodia de fluidez *cantabile*. Ao contrário do cânone, a virtuosíssima *cadenza* não figura no final do andamento, mas na secção intermédia, conduzindo a uma reexposição triunfante. O 2.º andamento é um *intermezzo* de profunda melancolia e doçura. O violino entoia uma melodia de um intimismo nostálgico, num delicado diálogo com a orquestra, uma atmosfera pastoral em jeito de repouso emocional e contraste absoluto, antes da explosão de energia que se segue. A transição para o andamento final é feita sem interrupção (*attacca*), mantendo a tensão dramática. O 3.º andamento é uma celebração exuberante inspirada nas danças populares russas, particularmente a *trepak*. Após uma breve introdução orquestral, o violino lança-se num tema rítmico e frenético, cheio de vitalidade e humor, em contraste com um segundo tema, mais lento e rústico, que evoca o universo campesino. O andamento termina numa *coda* de velocidade vertiginosa, onde o solista e a orquestra convergem para um final apoteótico, reafirmando o carácter luminoso deste concerto.

Obra-prima do romantismo tardio, o Concerto para Violino de Tchaikovsky é um prodígio de brilhantismo técnico e sensibilidade melódica. Escrita num momento de renovação, após uma crise pessoal profunda, a obra resume a essência do estilo do compositor, a alternância entre um sentimentalismo nostálgico e uma energia rítmica arrebatadora. O que outrora foi julgado impossível de executar tornou-se, ao longo dos anos, o padrão de excelência pelo qual todos os grandes violinistas são julgados.

Sergei Rachmaninov

(Semyonovo, 1873 – Beverly Hills, 1943)

Os Sinos, op. 35

—

COMPOSIÇÃO 1913

ESTREIA São Petersburgo, 30 de novembro de 1913

DURAÇÃO c. 38 min.

Os Sinos, op. 35, de Sergei Rachmaninov, é uma sinfonia coral para solistas, coro e orquestra, fazendo uso da tradução para russo do poema homônimo de Edgar Allan Poe (1809-1849). O poema *Os Sinos*, escrito no último ano da vida do autor, e publicado postumamente na edição de novembro de 1849 da *Sartain's Union Magazine of Literature and Art*, consiste em quatro estrofes, cada uma centrada num sino distinto (prata, ouro, bronze e ferro), retratando as diferentes fases da vida numa escalada emocional, da alegria da exuberância juvenil ao horror da inevitável morte. O poema reflete, ainda, o ênfase de Edgar Allan Poe sobre a musicalidade e os efeitos sonoros, num ritmo hipnótico e encantatório, influenciada pela sua reflexão crítica sobre a eufonia e a métrica da poesia, tal como descrita no ensaio *O Princípio Poético* (1850).

Curiosamente, a origem desta obra maior do repertório coral sinfônico está numa carta anônima (hoje sabemos ter sido enviada por Mariya Danilova, jovem estudante de violoncelo do Conservatório de Moscovo) dirigida a Rachmaninov, em 1912, contendo a tradução (1907) do poema de Poe pelo poeta simbolista russo Konstantin Balmont (1867-1942). Mais do que uma tradução, trata-se de uma adaptação livre, fiel à sensibilidade gótica, estilo encantatório e místico, mas

ampliando as dimensões sensoriais do poema original através de padrões rítmicos de forte imagética auditiva ao universo eslavo. Retratando musicalmente a progressão emocional do poema, da alegria ao terror e à resignação final, e plenamente ciente do peso cultural dos sinos no quotidiano russo, Rachmaninov viria a moldar a sua composição em quatro andamentos, paralelos ao arco emocional das estrofes, estruturando-a como uma obra programática eclética, em que a forma sinfônica coexiste com os elementos vocais de uma cantata.

A composição decorreu, maioritariamente, durante o inverno de 1912-13, em Roma, Itália, onde Rachmaninov alugara um apartamento junto à escadaria da Praça de Espanha. Segundo palavras do compositor: “Toda a minha vida tive prazer nos diferentes estados de espírito e na música dos sinos que dobram alegremente e dos que repicam melancolicamente. Este amor pelos sinos é inerente a todo russo. No silêncio sonolento de uma tarde romana, com os versos de Poe diante de mim, ouvi as vozes dos sinos e tentei transpor para o papel os seus tons adoráveis que pareciam expressar as variadas nuances da experiência humana.”. A obra viria a ser concluída em julho desse ano, em Ivanovka, na Rússia, estreando a 30 de novembro (13 de dezembro, segundo

o calendário gregoriano) no Teatro Mariinsky, em São Petersburgo, com os solistas Elizaveta Popova, Alexander Alexandrovich e Pavel Andreyev, sob direção do compositor. Dedicada a Joseph Mengelberg e à orquestra do Koninklijk Concertgebouw de Amsterdão, a sinfonia *Os Sinos* seria publicada em 1920 pela editora Guthheil.

Rachmaninov foi ambicioso nos recursos musicais convocados, condicentes com a sua leitura musical do poema. Destaca-se o uso massivo dos instrumentos de sopro de metal, permitindo fanfarras de profundidade ressonantes e enfatizando os sucessivos clímax dramáticos, por oposição à harpa, celesta e piano, que desenham timbres etéreos e diáfanos. Alcançando uma paisagem sonora imersiva fiel à essência poética, a interação entre o coro e a orquestra assenta em efeitos imitativos, ecoando os ritmos onomatopaicos da poesia, constituindo-se como arco emocional da sinfonia, a que acresce um tema musical recorrente e unificador, a melodia gregoriana do *Dies Irae*, parte do próprio da missa de defuntos da Igreja Católica Romana, com as suas conotações de morte e destruição.

O 1.º andamento retrata o tilintar dos sinos de prata dos trenós, numa noite de inverno, a que o tenor solista e o coro vêm trazer um brilho festivo. O 2.º andamento celebra os sinos de ouro de casamento, através da serenidade íntima e lírica do solo para soprano. Contudo, pressente-se um fatalismo musical evocativo de *Tristão e Isolda* (1865) de Wagner, a morte por amor. O 3.º andamento faz a transição do mundo da memória para o da profecia. Começa silenciosamente, como se partisse de uma única faísca, crescendo para uma intensa conflagração orquestral,

de intensidade frenética e percussão avassaladoramente pulsante. A massa coral embate contra esta parede tumultuosa, os sinos de bronze, de alarme, que gritam num caos infernal, enquanto um incêndio aterrador ameaça engolir a terra.

O 4.º andamento mergulha o ouvinte numa procissão lúgubre em direção à resignação, conduzida pelos pungentes solos do corne inglês e do barítono, os sinos de ferro.

A partitura autógrafa tem inscrita as iniciais de Tchaikovsky, sendo possível identificar alusões musicais a diversas obras musicais deste insigne compositor, particularmente o poema sinfónico *Francesca da Rimini* (1876) e as suas sinfonias *Manfredo* (1885) e *Patética* (1893). Não por acaso, aquando da estreia, um crítico escreveu: “as nuances concentradas de angústia e desespero sem esperança, a paixão pessimista e tragédia sublime” são “herança de Tchaikovsky”.

A turbulência apocalíptica que parece querer devorar o ouvinte desvanece-se nos compassos finais, transição luminosa do modo menor para o maior, que termina com uma cadência plagal, a harmonização tradicional da palavra *Amen*.

Rachmaninov navega entre um romantismo tardio e o modernismo emergente no panorama musical russo de meados do séc. XX. Se tivermos em conta o seu medo irracional e persistente da morte, encontramos nesta obra uma profundidade psicológica, ligando o pavor crescente da partitura, com raízes profundas na poesia de Poe, a temas mais amplos de turbulência existencial na Rússia pré-revolucionária, fazendo d’*Os Sinos* uma meditação presciente sobre o destino e a perda.

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfônica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfônica de Boston, a Sinfônica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfônica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfônicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfônica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Daniel Lozakovich

A temporada 2025/26 de Daniel Lozakovich é marcada por uma série de estreias e compromissos de destaque, apresentando-se o violinista com a Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, em digressão à Coreia do Sul, e com a Filarmônica de Roterdão, a Filarmônica Real de Liverpool, a Orquestra de Câmara de Lausanne, a Filarmônica de Helsínquia, a Orquestra de Castela e Leão, a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen e a Sinfônica de Atlanta. Um dos pontos altos da temporada será a estreia do Concerto para Violino n.º 2 de Pascal Dusapin, na Fundação Louis Vuitton, com o Ensemble Utopia e o maestro Teodor Currentzis. Daniel Lozakovich colabora regularmente com as mais prestigiadas orquestras mundiais, sob a direção de maestros como Riccardo Chailly, Esa-Pekka Salonen, Andris Nelsons, Semyon Bychkov, Christoph Eschenbach, Neeme Järvi, Vasily Petrenko, Tarmo Peltokoski, Lahav Shani, Lorenzo Viotti, Kazuki Yamada, Fabien Gabel, Osmo Vänskä ou Rafael Payare. Em recital, Lozakovich apresentou-se em prestigiadas salas como o Carnegie Hall de Nova Iorque, o Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, o Tonhalle de Zurique, o Victoria Hall de Genebra, o Conservatório Giuseppe Verdi de Milão e o Teatro Mariinsky de São Petersburgo, entre muitas outras. É também regular a sua presença em festivais, incluindo Verbier, Gstaad, Montreux, Moscovo, Roterdão, Aix-en-Provence, Saint-Denis ou Schleswig-Holstein. Daniel Lozakovich nasceu em Estocolmo em 2001. Estreou-se como solista com a Moscow Virtuosi Chamber Orchestra, sob a direção de Vladimir Spivakov. Estudou com Josef Rissin na Universidade de Música de Karlsruhe e, desde 2015, tem como seu mentor Edvard Wulfson. Toca o violino Stradivarius “ex-Sancy” de 1713, generosamente cedido por LVMH / Moët Hennessy Louis Vuitton.

Olga Heikkilä

A soprano lírica finlandesa Olga Heikkilä desenvolve uma firme carreira internacional. Nos últimos anos, apresentou-se na Ópera de São Francisco (2024), na Royal Opera House - Covent Garden (2023), na Ópera Nacional dos Países Baixos (2023), no Festival de Ópera de Aix-en-Provence (2019) e na Ópera Estadual de Berlim (2017). Em abril de 2026, atuará ao lado de Joyce DiDonato na Metropolitan Opera de Nova Iorque, na última ópera da compositora finlandesa Kaija Saariaho, *Inocência*. Esta obra-prima, dirigida por Simon Stone, foi recebida com grandes elogios da crítica em 2021. A voz de Olga Heikkilä inspirou diversos compositores finlandeses, tendo a cantora estreado muitas obras contemporâneas. Em colaboração com os melhores músicos da atualidade, as suas interpretações foram gravadas e publicadas pelas editoras AMC Classical, Naxos Sweden, Siba Records, Kairos e Ondine.

O repertório de Olga Heikkilä inclui muitas personagens do repertório tradicional de ópera, desde óperas barrocas até estreias mundiais contemporâneas. A sua voz de soprano alcançou destaque em papéis como Alcina, de Händel, Ilia (*Idomeneo*), de Mozart, Adina (*L'elisir d'amore*), de Donizetti, Anne Trulove (*The Rake's Progress*), de Stravinsky, ou Agnes (*Written on Skin*), de George Benjamin. Trabalhou com encenadores como Simon Stone, Andrea Breth e Kasper Holten, e com maestros como Susanna Mälkki, Michael Boder, Ingo Metzmacher, Esa-Pekka Salonen, Dima Slobodeniouk e Sakari Oramo.

Olga Heikkilä formou-se no Conservatório de Helsínquia, na Academia Sibelius e na Real Academia Dinamarquesa de Ópera. Ganhou vários prémios em concursos internacionais e recebeu prémios nacionais pelo seu trabalho artístico, nomeadamente da Fundação Cultural Finlandesa e da Fundação Pro Musica.

Edgaras Montvidas

Edgaras Montvidas realizou a sua formação musical inicial em Vilnius e ingressou posteriormente no Programa para Jovens Artistas da Royal Opera House - Covent Garden. Os seus compromissos na temporada 2025/26 incluem: Andres, em *Wozzeck*, com Simon Rattle e a Orquestra da Rádio da Baviera; Laca Klemeņ, em *Jenůfa*, com a Ópera de Montreal; Vaudémont, em *Iolanta*, com a Ópera Nacional Finlandesa; e Pinkerton, em *Madama Butterfly*, com a Ópera de Toulon. Em Vilnius, assinala-se o concerto comemorativo do 50.º aniversário do cantor, no Teatro Nacional de Ópera e Ballet da Lituânia, e *Lohengrin*, com a Sinfónica da Lituânia, bem como a estreia como Cavaradossi, em *Tosca*, no Pažaislis Music Festival. Nas últimas temporadas interpretou, entre outros papéis: Števa Buryja, em *Jenůfa*, na Ópera Estadual de Berlim; Alwa, em *Lulu*, no Theater an der Wien; Don José, em *Carmen*, na Ópera de Zurique, na Ópera Nacional do Reno, em Estrasburgo, e na Ópera de Lausanne; Lensky, em *Eugene Onegin*, na Ópera Nacional Norueguesa; e *Perséphone*, de Stravinsky, com a Sinfónica de Boston. As suas apresentações em concerto incluíram, entre outras: *Le Rossignol* de Stravinsky, com a Filarmónica de Berlim e Pierre Boulez; Rei Roger de Szymanowski, e *Lenfant et les sortilèges* de Ravel, com a Sinfónica de Boston e Charles Dutoit; o Requiem de Verdi, com o Coro Monteverdi e John Eliot Gardiner; Harnasie de Szymanowski, com a Sinfónica de Londres e Simon Rattle; e a 9.ª Sinfonia de Beethoven, com Les Siècles, sob a direção de François-Xavier Roth. Edgaras Montvidas foi distinguido com o Prémio Nacional para a Cultura e Artes da Lituânia (2023) e a Medalha da Ordem de Mérito da Lituânia, e recebeu duas vezes o mais importante prémio anual de teatro da Lituânia, o *Auksinis scenos kryžius* (2009 e 2022).

Andrey Zhilikhovsky

O barítono moldavo Andrey Zhilikhovsky estudou na Escola de Música Stefan Nyaga, em Chişinău, e no Conservatório Rimsky-Korsakov, em São Petersburgo. Foi finalista no Concurso Internacional de Canto de São Petersburgo e terceiro classificado no Concurso Internacional Obraztsova e no Concurso Internacional de Canto Maria Bieshu. Em 2012 ingressou no Programa para Jovens Artistas do Teatro Bolshoi.

Os destaques da sua carreira incluem:

L'elisir d'amore, na Ópera da Baviera; *Iolanta*, na Ópera de Paris; *Noivado no Convento*, de Prokofiev, na Ópera de Berlim; *Don Pasquale* e *Don Giovanni*, em Glyndebourne; *O barbeiro de Sevilha*, na Washington National Opera e na Metropolitan Opera de Nova Iorque; *As bodas de Figaro*, na Ópera de Roma, na Komische Oper Berlin e no Festival de Edimburgo; e *A Dama de Espadas*, no Teatro del Liceu de Barcelona. Interpretações recentes incluem uma nova produção de *Sadko*, de Dmitri Tcherniakov, no Teatro Bolshoi; *Così fan tutte*, para a Washington National Opera, bem como *Guerra e Paz*, para a Ópera de Budapeste e a para a Ópera Estadual da Baviera. No papel de Marcello, em *La bohème*, apresentou-se no Teatro Régio de Turim, na Metropolitan Opera e na Royal Opera House. Na temporada 2024/25, estreou-se na Ópera Nacional Finlandesa (Rodrigo, em *Don Carlo*) e no Festival de Salzburgo (Achilla, em *Giulio Cesare in Egitto*) e interpretou Don Pedro (*Maria Padilla* de Donizetti) no Teatro de la Maestranza, e Figaro (*O barbeiro de Sevilha*) na Metropolitan Opera. Na temporada 2025/26, Andrey Zhilikhovsky estreia-se na Ópera Nacional dos Países Baixos (Lionel, em *A Dama de Orleans* de Tchaikovsky), no Grand Théâtre de Genève (Sharpless, em *Madama Butterfly*) e na Ópera Estadual de Viena (Marcello, em *La bohème*).

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburger Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ariana Russo
Carina Matias Ferreira
Catarina Carvalho
Claire Rocha Santos
Cristina Ferreira
Filipa Passos
Inês Rasquinho
Margarida Simões
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Marisa Figueira
Mónica Santos
Sara Afonso
Tânia Viegas
Teresa Duarte
Teresa Costa Queirós

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Pereira Coutinho
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Estrela Martinho
Helena Rodrigues
Joana Nascimento
Laura Lopes
Laura Martins
Luísa Vaz Pinto
Manon Marques
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente
Verónica Santos

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Castelo Branco
João Custódio
Lucas Thaumaturgo
Miguel Carvalho
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão

BAIXOS

Alexandre Gomes
Diogo Gonçalves
Gonçalo Freitas
Hugo Wever
João Costa
João Luís Ferreira
Luís Godinho
Mário Almeida
Martin Líbano Monteiro
Miguel Jesus
Miguel La Feria
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova
Pedro Morgado
Rui Bôrras
Tiago Navarro
Tomé Azevedo

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Thomas Reif CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1.º CONCERTINO AUXILIAR
Maria Balbi 1.º SOLISTA
Johannes Schants 1.º SOLISTA*
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Ferreira
Catarina Resende
Margarida Queirós
Félix Duarte
David Ascensão*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA
Zachary Spontak 1.º SOLISTA
Piotr Rachwal 2.º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Lúcia Salvado*
Francisco Ferreira*
Ana Sofia Faria*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA
Lu Zheng 1.º SOLISTA
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda
Milan Radocaj
Dinis Campos

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Jeremy Lake 2º SOLISTA

Raquel Reis

Leonor Moniz

Tiago Mirra*

Maria Nabeiro*

Beatriz Raimundo*

Aléssio Cunha*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

Romeu Santos*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

Maria Azeredo 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

João Soeiro 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Gad Lederman 2º SOLISTA*

Roberto Arcaleanu 2º SOLISTA*

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Ema Morais 1º SOLISTA*

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

José Alexandre 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Christian Ibanez 1º SOLISTA*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Bruno Santos 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

José Afonso Sousa 2º SOLISTA*

Ryoko Imai 2º SOLISTA*

André Camacho 2º SOLISTA*

André Castro 2º SOLISTA*

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA*

PIANO

Karina Aksenova 1º SOLISTA*

CELESTA

Dana Radu 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

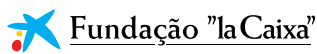
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

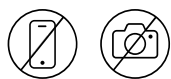
Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*





Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

